

## **Building the way**

### **SOBRE A CATEGORIA DE PROGRESSIVIDADE EM INGLÊS: UM ESTUDO BASEADO EM DADOS DE PRODUÇÃO ESPONTÂNEA**

### ***ON THE CATEGORY OF PROGRESSIVITY IN ENGLISH: A STUDY BASED ON SPONTANEOUS PRODUCTION DATA***

Matheus Gomes Alves<sup>1</sup> 

#### **RESUMO**

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para o entendimento da categoria linguística de progressividade. O objetivo específico é reanalisar os resultados de Alves (2022) e Alves e Martins (2022) investigar se a progressividade, enquanto categoria linguística, é uma morfologia (Comrie, 1976) ou realmente uma categoria aspectual (Cinque, 1999), a partir de dados de produção espontânea de sentenças do inglês americano com predicadores verbais temáticos finitos no presente simples. A hipótese adotada é de que o progressivo é apenas uma realização morfológica da imperfectividade. Justifica-se essa hipótese à luz da própria proposta de Comrie (1976), segundo a qual a morfologia progressiva seria apenas uma das formas de veiculação do aspecto continuativo. A metodologia consiste em uma reinterpretação qualitativa de dados secundários de Alves (2022) e Alves; Martins (2022), referentes à análise quantitativa de ocorrências do progressivo atrelado ao aspecto habitual, continuativo e prospectivo. A hipótese adotada inicialmente foi refutada. Argumenta-se que o progressivo é um traço de natureza [-genérica], que pode, em inglês, ser gramaticalizado por meio de morfologia progressiva ou não progressiva. Entende-se que, no léxico funcional da língua inglesa, haveria uma propriedade referente a com qual traço poderia haver cumulação ou combinação de tal morfologia. Neste caso, assume-se que apenas traços de natureza extensional poderiam ser combinados com tal morfologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperfectividade; Progressividade; Cartografia Sintática; Morfologia; Aspecto.

#### **ABSTRACT**

The main goal of this paper is to contribute to the understanding of the linguistic category of progressiveness. The

<sup>1</sup>Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
[matheus.ling@letras.ufrj.br](mailto:matheus.ling@letras.ufrj.br)  
<http://lattes.cnpq.br/3447197742220389>  
<https://orcid.org/0000-0001-8109-5299>

## **Building the way**

specific objective is to investigate whether progressiveness, as a linguistic category, is a morphology (Comrie, 1976) or indeed an aspectual category (Cinque, 1999), based on data from spontaneous production of American English sentences with finite thematic verbal predicates in the simple present tense. The hypothesis adopted is that the progressive is merely a morphological realization of imperfectivity. This hypothesis is justified in light of Comrie's (1976) proposal, according to which the progressive morphology is just one form of conveying the continuative aspect. The methodology consists of a qualitative reinterpretation of secondary data from Alves (2022), and Alves and Martins (2022), concerning the quantitative analysis of occurrences of the progressive tied to habitual, continuative, and prospective aspects. The adopted hypothesis was refuted. It is argued that the progressive is a feature of [-generic] nature, which can, in English, be grammaticalized through either progressive or non-progressive morphology. It is understood that, in the functional lexicon of the English language, there would be information about which feature could be combined with such morphology. In this case, it is assumed that only features of an extensional nature could be combined with such morphology.

**KEYWORDS:** Imperfectivity; Progressiveness; Syntactic cartography; Morphology; Aspect.

---

## **Considerações iniciais**

No que concerne à categoria de progressividade, Cinque (1999) a caracteriza como um traço criterial alocado no núcleo da projeção AspProgressiveP, da Hierarquia Universal (ou espaço do IP). O traço criterial referente a esta categoria seria a especificação negativa do traço de genericidade, ou seja, em uma predicação progressiva, não poderia haver a veiculação de uma verdade contingente ou universal. Tal entendimento explica o porquê de uma sentença como “A Terra é redonda” não ser possível no progressivo veiculando o mesmo sentido, como em “A Terra está sendo redonda”. Se é verdade que o argumento “A Terra” está incluído no conjunto de coisas redondas, não pode ser verdade que esta inclusão seja linguisticamente descrita como temporária ou dependente em um intervalo delimitado. Pelo contrário, se tal relação de inclusão é verdadeira, parece ser o caso de automaticamente não haver uma fase interna da situação em que a Terra deixe de ser redonda.

Embora muito se discuta acerca da categoria de progressividade (Dowty, 1977; Comrie, 1976; Alves, 2022; Martins e Alves, 2022), um problema parece persistir: a sua natureza linguística. Em Comrie (1976),

### Building the way

há o entendimento de que a progressividade seja uma maneira de veicular a noção de continuatividade, ou de simultaneidade a determinado momento de referência; sendo, portanto, uma morfologia. Em Cinque (1999), contudo, parece haver o entendimento de que a progressividade é mais do que uma morfologia, visto que é descrita como um traço criterial de especificação negativa ao de genericidade. A natureza, então, da progressividade parece ainda ser um problema no âmbito dos estudos formalistas, o que justifica a existência deste trabalho.

Em Alves (2022) e Martins e Alves (2022), é analisada a compatibilidade da morfologia progressiva em inglês, formada pelo verbo “to be” + verbo lexical + ing, com o aspecto habitual, continuativo e prospectivo. Tais autores acima citados, ao se basearem em Cinque (1999), entendem o aspecto habitual como a noção aspectual caracterizada pela repetição não ordenada de um evento, podendo ser veiculado em inglês em contexto de emprego categórico do advérbio “*usually*” (“geralmente”), como em “*Anne usually swims*” (“Anne geralmente nada”) (cf. Cinque, 1999). O aspecto continuativo é descrito como a noção aspectual caracterizada pela extensão de um evento em determinado intervalo de tempo, podendo ser veiculado em inglês em contexto de emprego categórico do advérbio “*still*” (“ainda”), como em “*Anne still swims*” (“Anne ainda nada”). O aspecto prospectivo é descrito como a noção aspectual caracterizada pela ênfase em um momento anterior ao início de uma eventualidade, podendo ser veiculado em inglês em contexto de emprego categórico do advérbio “*almost*” (“quase”), como em “*Anne almost swims*” (“Anne quase nada”).

Alves (2022) e Alves e Martins (2022) observaram que, embora a morfologia progressiva seja, para Comrie (1976), uma das formas de veicular a imperfectividade, o emprego categórico desta morfologia não é o preferido por falantes nativos de língua inglesa em contexto de ocorrência dos advérbios imperfectivos “*usually*”, “*still*” e “*almost*”. Na verdade, é o caso de que, quando há o emprego de tais advérbios, é preferível que o verbo esteja apenas no presente simples, sem o emprego da morfologia progressiva. Há, contudo, um uso marginal do progressivo nas sentenças com os advérbios “*still*” e “*almost*”, não sendo possível a combinação com o advérbio habitual “*usually*”. Frente a isso, tais autores elaboraram duas hipóteses para explicar esses resultados: a) o progressivo é compatível, mas não preferível, com núcleos que hospedam traços de natureza extensiva, como [+ continuativa] e [+ prospectiva], mas não [+ habitual]; e b) o progressivo é compatível, mas não preferível, com os traços imperfectivos de Cinque (1999), mas quando é usado explicitamente, transmite o traço de progressividade, ou seja, a especificação negativa da genericidade. Embora, como argumentado nos referidos trabalhos, tais propostas possam igualmente explicar os resultados encontrados, não há uma reflexão acerca do que esses

## **Building the way**

resultados podem revelar acerca da natureza da progressividade. Há, assim, uma lacuna a ser contemplada por este trabalho.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para o entendimento da categoria linguística de progressividade. O objetivo específico é investigar se a progressividade, enquanto categoria linguística, é uma morfologia (Comrie, 1976) ou realmente uma categoria aspectual (Cinque, 1999), a partir de dados de produção espontânea de sentenças do inglês americano com predicadores verbais temáticos finitos no presente simples. A hipótese adotada é de que o progressivo é apenas uma realização morfológica da imperfectividade. Justifica-se essa hipótese à luz da própria proposta de Comrie (1976), segundo a qual a morfologia progressiva seria apenas uma das formas de veiculação do aspecto continuativo. A metodologia consiste em uma reinterpretação qualitativa de dados secundários de Alves (2022) e Alves e Martins (2022), referentes à análise quantitativa de ocorrências do progressivo atrelado ao aspecto habitual, continuativo e prospectivo.

Este artigo é dividido em cinco seções. Na primeira seção, são apresentados os pressupostos teóricos desta pesquisa, referentes às noções de imperfectividade e de progressividade. Na segunda seção, são detalhados os procedimentos metodológicos empregados em Alves (2022) e Alves e Martins (2022). Na terceira seção, são descritos os resultados quantitativos encontrados por tais autores, bem como as propostas de interpretação. Na quarta seção, é desenvolvida uma reanálise desses dados, levando em consideração a natureza categorial do progressivo. Na quinta seção, são apresentadas as considerações finais.

## **Desenvolvimento**

A categoria linguística do aspecto é tradicionalmente compreendida como as diferentes maneiras de conceber a estrutura temporal interna de uma eventualidade (COMRIE, 1976). Há uma diferença entre a informação aspectual que pode ser gramaticalizada nas línguas por meio de morfologia, advérbios e partículas específicas, daquela inerente aos constituintes lexicais de uma sentença. O termo *aktionsart* (aspecto lexical/intrínseco) refere-se a esta última, enquanto o aspecto gramatical (aspecto de ponto de vista) se aplica à primeira.

No âmbito do aspecto gramatical, há a distinção entre eventualidades atômicas, percebidas como um todo indivisível, e eventualidades não atômicas, que destacam as fases internas de uma situação. Comrie (1976) utiliza o termo "aspecto perfectivo" para descrever eventualidades atômicas e "aspecto imperfectivo" para indicar eventualidades não atômicas. Em "José chutou a bola", temos uma eventualidade passada de "chutar", onde "José" é o agente e "a bola" é o tema. Essa eventualidade não é detalhada em suas fases internas, sendo apresentada como indivisível, exemplificando o aspecto perfectivo. Em



### Building the way

contrapartida, em “José estava chutando o lanche”, também temos uma eventualidade passada de “chutar”, com “José” ainda como agente e “a bola” como tema. No entanto, essa eventualidade é descrita de maneira que permite observar suas múltiplas fases internas, possibilitando pensar no início, meio e/ou fim do evento, exemplificando o aspecto imperfeito.

Segundo Comrie (1976), o aspecto gramatical imperfeito divide-se em habitual e contínuo, sendo considerados aspectos distintos. O aspecto imperfeito habitual descreve uma eventualidade como típica ou característica de um determinado momento de referência. Em contraste, o aspecto imperfeito contínuo descreve uma eventualidade como em andamento em um dado momento de referência, ou seja, ocorrendo no mesmo intervalo de tempo em que o momento denotado ocorre. Por exemplo, na frase “*Anthony (usually) runs*” (“Antônio (geralmente) corria”), faz-se referência a uma eventualidade de “correr”, em que “Antônio” é a agente. Essa eventualidade é descrita como tendo fases internas e ocorrendo repetidamente, caracterizando o aspecto imperfeito habitual.

Por outro lado, na frase “*Anthony is (still) running*” (“Antônio está ainda correndo”), também se faz referência a uma eventualidade de “correr”, com “Antônio” como agente. No entanto, essa eventualidade é descrita de maneira que permite observar suas fases internas, ocorrendo em um intervalo de tempo similar ao intervalo de referência, exemplificando o aspecto imperfeito contínuo. Nesse caso, é verdade que, para cada instante dentro do intervalo, a eventualidade de “correr” se estende. Comrie (1976) também propõe que o aspecto imperfeito contínuo pode ser subdividido em duas realizações: contínua progressiva, como em “*James is (still) jumping*” (“Tiago ainda está pulando”) e contínua não progressiva “*James (still) jumps*” (“Tiago ainda pula”).

No que se refere à categoria da progressividade, é relevante mencionar as contribuições de Montague (1973), Bennett e Partee (1972/1978/2004) e Dowty (1977). Montague (1973) afirma que uma frase progressiva é verdadeira em um determinado momento “t” se e somente se a frase correspondente não progressiva é verdadeira em todos os momentos de um intervalo aberto em “t”. Bennett e Partee (1972) postulam a existência de um operador semântico PROG na Forma Lógica, acessado em frases progressivas, estabelecendo relações temporais e aspectuais. Para eles, [PROG, Ø] é verdadeiro em um intervalo I, se e somente se: a) existe um intervalo I’ tal que I está contido em I’, b) I não é um subintervalo final de I’, e c) a eventualidade instanciada é verdadeira em I’. Dowty (1977), por sua vez, considera que, além de estabelecer relações temporais e aspectuais, PROG é um tipo de operador temporal, aspectual e modal. Para Dowty (1977), [PROG, Ø] é verdadeiro em um intervalo I e mundo W se e somente se: a) existe um intervalo I’ tal que I está contido em I’, b) existe um mundo W’ no qual a

### Building the way

eventualidade denotada é verdadeira em  $I'$  e  $W'$ , e c)  $W$  é exatamente similar a  $W'$  em todos os instantes precedentes e subsequentes a  $I$ . Assim, em uma frase como "*Laurent is dancing Salsa*" ("Laurent está dançando salsa") há uma eventualidade presente de "dançar", da qual "Laurent" é o agente e a "Salsa" é o tema, descrita como verdadeira em um mundo  $W'$  e em um intervalo  $I'$ . Esse intervalo  $I'$  contém um subintervalo  $I$ , no qual ocorre a mudança de estado(dançado x não dançado).

Godoy (1993 *apud* Guimarães, 2002) afirma que não há diferença aspectual entre formas progressivas imperfectivas e formas não progressivas imperfectivas, apenas uma diferença morfológica. No entanto, Goldsmith e Wosetchlager (1982 *apud* Guimarães, 2002) argumentam que o progressivo é de fato um aspecto, não apenas uma morfologia, pois geralmente é usado em um contexto de culminação. Guimarães (2002) considera que o contraste entre as formas mencionadas deve ser feito com base nos seguintes critérios: a) propriedades do morfema utilizado nessas formas, b) o tipo de ação dos predicados, c) a ativação de leituras genéricas e habituais, e d) a relação temporal e aspectual construída nessas formas. Argumenta-se que existem restrições nas formas progressivas que não se aplicam às formas não progressivas: a) o progressivo não ocorre em verbos que indicam rastreamento, como "localizar", b) o progressivo não é compatível com adjetivos contingentes, em construções como "ele está sendo humano", c) o progressivo tende a não ser usado com verbos estativos, d) o progressivo não ocorre no imperativo, e) na leitura habitual, o progressivo geralmente não ocorre com eventos definidos quantificados. Assim, afirma-se que o progressivo não é incompatível com o aspecto habitual.

Martins e Alves (2021) argumentam que a característica de pontualidade é anulada quando verbos de realização com morfologia progressiva desencadeiam leituras de continuidade, incoatividade e término no inglês americano e britânico. Os autores também entendem que o progressivo desempenha um papel crucial na limitação das leituras que podem ser ativadas em predicados de diferentes tipos de ação. Portanto, assume-se que o progressivo não pode ser apenas uma morfologia, pois influencia as leituras que podem ser ativadas em certos contextos.

Cinque (1999) propõe uma hierarquia universal de aproximadamente quarenta projeções funcionais, composta por núcleos rigidamente ordenados que hospedam traços de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz. Nesta hierarquia, as projeções AspHabitualP, AspContinuativeP, AspProgressiveP e AspProspectiveP são propostas para hospedar, respectivamente, os traços de [+/- habitual], [+/- continuativo], [+/- progressivo] e [+/- prospectivo]. Essas projeções também hospedam alguns advérbios na posição de especificador. Segundo Cinque (1999), o especificador de AspHabitualP hospeda o advérbio "*usually*", enquanto o especificador de AspContinuativeP hospeda o advérbio "*still*", e o

### **Building the way**

especificador de AspProspectiveP hospeda o advérbio "almost". O especificador de AspProgressiveP também é dito hospedar advérbios, embora Cinque (1999) não apresente advérbios, na primeira versão de sua hierarquia, que possam ser inseridos nessa posição em línguas naturais.

Na hierarquia de Cinque (1999), as projeções mencionadas são ordenadas de modo que AspHabitualP > AspContinuativeP > AspProgressiveP > AspProspectiveP em todas as línguas naturais. Se assumirmos que o núcleo de AspProgressiveP é compatível com núcleos relacionados à imperfectividade (nos termos de Comrie (1976)), e se assumirmos que AspHabitualP, AspContinuativeP e AspProspectiveP hospedam traços imperfectivos em seus núcleos, então é possível argumentar que AspProgressiveP também é compatível com os traços [+ habitual], [+ continuativo] e [+ prospectivo]. Em outras palavras, assume-se que, quando a morfologia progressiva é usada, o traço hospedado no núcleo de AspProgressiveP é dotado de especificação positiva. Portanto, pode-se esperar que seja possível combinar todos esses traços na derivação de uma sentença em uma língua. Assim, o progressivo, tanto como traço quanto como morfologia, é esperado ser compatível com leituras habituais, continuativas e prospectivas. Este trabalho visa discutir precisamente até que ponto a morfologia progressiva é compatível com traços imperfectivos, como o habitual, o continuativo e o prospectivo.

Na próxima seção, serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados pelos trabalhos de Alves (2022) e Alves e Martins (2022). Em seguida, serão discriminados e discutidos os resultados advindos de tais resultados e como esses resultados podem contribuir para o entendimento do que seria a progressividade ao menos no inglês.

### **Metodologia**

Os estudos de Alves (2022) e Alves e Martins (2022) tiveram como objetivo analisar as formas morfológicas dos aspectos habitual, continuativo e prospectivo no inglês, especificamente quando associados ao tempo presente. Para isso, empregou-se uma análise qualitativa e quantitativa utilizando o *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. A hipótese inicialmente proposta pelos autores foi a de que morfologia progressiva seria a mais comum para expressar essas projeções juntamente com os advérbios analisados. Esta hipótese se justificou por ser derivada de uma interpretação geral do trabalho de Comrie (1976). Embora Comrie nunca tenha afirmado categoricamente que isso seja um fato nas línguas naturais, ele considerou a morfologia progressiva como especificamente relacionada ao aspecto imperfectivo, ao passo que a morfologia não progressiva não possui essa especificidade. Com o intuito de investigar a compatibilidade dessa morfologia com o aspecto imperfectivo, a hipótese de Alves (2022) e Alves e Martins (2022) foi

## **Building the way**

elaborada para avaliar a predominância da morfologia progressiva em relação às informações aspectuais que ela transmite de forma exclusiva.

O *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (DU BOIS et al., 2000-2005)<sup>2</sup>, disponível gratuitamente online, foi selecionado pelos autores por conter falas espontâneas de falantes nativos de inglês americano. A análise deste corpus visou investigar as realizações morfológicas das projeções estudadas, classificando os dados de acordo com o tipo de morfologia empregada para transmitir essas noções aspectuais no tempo presente. Para realizar a análise do corpus, foi utilizado o *software AntConc 3.5.8*, com posterior inspeção de relevância estatística pelo software *Jamovi*.

No que diz respeito aos procedimentos analíticos adotados pelos autores (Alves, 2022; Alves; Martins, 2022), primeiro foram identificadas as realizações adverbiais desses aspectos por meio de uma busca geral de frases com os advérbios “*usually*”, “*still*” e “*almost*”. Em seguida, as realizações dessas projeções foram classificadas de acordo com a morfologia utilizada (presente simples vs. progressiva). Na próxima seção, são resumidos os resultados encontrados por Alves (2022) e Alves e Martins (2022). Após a apresentação desses resultados, será desenvolvida especificamente neste artigo uma reinterpretação qualitativa de tais dados, levando em consideração o que eles podem dizer acerca da natureza linguística da progressividade. Justifica-se, assim, a existência deste trabalho em face de seu teor analítico a partir de dados já apresentados na literatura.

## **Resultados**

Quanto aos resultados de Alves (2022) e Alves e Martins (2022), foram identificadas apenas trinta e cinco ocorrências de morfologia não progressiva (presente simples) em sentenças nas quais o advérbio “*usually*” foi utilizado. Não foram registradas instâncias de morfologia progressiva em contextos nos quais esse advérbio foi empregado. Oitenta e seis ocorrências de morfologia não progressiva foram observadas em contextos do uso do advérbio “*still*”. Em contextos com o uso desse advérbio, foram encontradas doze ocorrências de morfologia progressiva. No que diz respeito ao advérbio “quase”, foram identificadas pelos autores dez ocorrências de morfologia não progressiva e apenas uma ocorrência de morfologia progressiva. A cardinalidade desses resultados pode ser

---

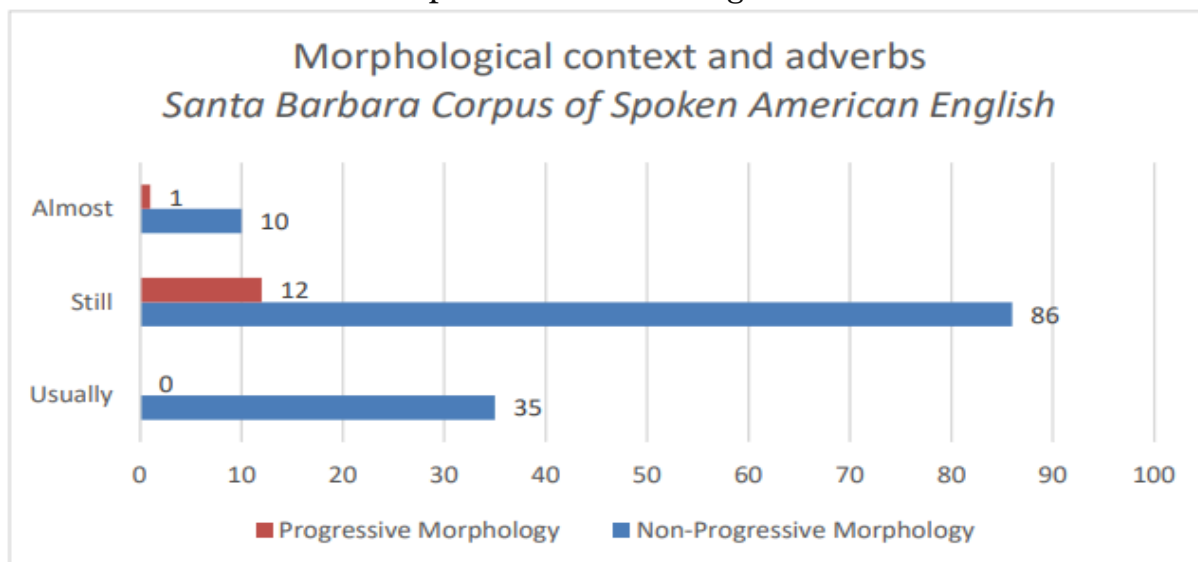
<sup>2</sup> Vale ressaltar que o *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*, embora possua alguns dados acerca do gênero dos informantes e da faixa etária, não há sistematização exaustiva de outros metadados, como, por exemplo, a origem, no âmbito dos Estados Unidos, dos falantes que contribuíram para sua criação. O *corpus* contém um total de 249.000 palavras. Pode ser acessado pelo seguinte domínio: <https://www.linguistics.ucsb.edu/research/santa-barbara-corpus>.



### Building the way

observada no gráfico reproduzido abaixo, extraído de Alves (2022, p. 92) e Alves e Martins (2022, p. 283).

**Gráfico 1** - Contextos morfológicos e advérbios no Santa Barbara Corpus of Spoken American English



Fonte: extraído de Alves (2022, p. 92) e Alves e Martins (2022, p. 283)

Ao elaborar uma tabela de frequência simples dos resultados obtidos, é evidente que a morfologia progressiva foi utilizada de forma um pouco mais destacada em conjunto com o advérbio “*still*” (12%) e está marginalmente ligada ao advérbio “*almost*” (9%). Por outro lado, a morfologia não progressiva foi mais frequentemente associada a todos os advérbios investigados no corpus analisado. Tal cenário pode ser observado no quadro abaixo, extraído de Alves (2022, p. 92).

**Quadro 1** - Frequência Simples das ocorrências

Advérbio/Morfologia Verbal	Morfologia Progressiva	Morfologia Não Progressiva
Usually	0 (0%)	35 (100%)
<i>Still</i>	12 (12%)	86 (88%)
<i>Almost</i>	1 (9%)	10 (91%)

Fonte: extraído de Alves (2022, p. 92) e adaptado de Alves e Martins (2022, p. 284)

Alves (2022) e Alves e Martins (2022) inspecionaram tais resultados em relação à sua relevância estatística por meio de um teste de Regressão Logística, efetuado pelo software Jamovi. Neste teste, o tipo de advérbio foi tomado como variável dependente e o tipo de morfologia

### **Building the way**

como variável independente. Observou-se que não parece haver uma correlação clara entre o uso de tais advérbios com a morfologia progressiva. Marginalmente, os únicos casos em que a morfologia progressiva foi empregada referiram-se aos contextos de emprego de *“still”* e *“almost”*.

Para explicar esses resultados, Alves (2022) e Alves e Martins (2022) apresentaram as seguintes propostas: a) o progressivo é compatível, mas não preferível, com núcleos que hospedam traços de natureza extensiva, como [+ continuativa] e [+ prospectiva], mas não [+ habitual]; e b) o progressivo é compatível, mas não preferível, com os traços imperfectivos de Cinque (1999), mas quando é usado explicitamente, transmite o traço de progressividade, ou seja, a especificação negativa da genericidade.

Na primeira proposta, os autores assumem que os resultados apontam para uma distinção entre os atributos de continuatividade e habitualidade, sugerindo que enquanto a continuidade pode ser vista como um traço de natureza extensional, a habitualidade não compartilha dessa mesma natureza extensional. Essa distinção é evidenciada, ainda, segundo os autores, pelo comportamento de certos verbos em contextos progressivos, como *“to begin”* e *“to finish”*, que não costumam desencadear leituras habituais. Além disso, sentenças como *“Peter being used to study”* mostram que o uso da morfologia progressiva com verbos habitualmente incompatíveis resulta em construções agramaticais.

Os autores assumiram também que a discussão também se estende à interpretação de sentenças com advérbios como *“still”*, que parecem ser mais semanticamente compatíveis com o aspecto progressivo, embora o uso da morfologia não-progressiva seja mais frequente. No âmbito dessa argumentação, isso sugeriria que a morfologia progressiva poderia estar relacionada à continuidade e prospectividade, mas não exclusivamente. Por fim, uma análise de sentenças com o advérbio *“almost”* indicaria que o uso da morfologia progressiva nessas construções está relacionado à necessidade marginal de gramaticalizar a noção de extensão de um pré-evento, sugerindo uma interação complexa entre os diferentes aspectos verbais em inglês.

A segunda proposta de Alves (2022) e Alves e Martins (2022) foi a de que, conforme mencionado por Cinque (1999; 2006), nos casos em que a morfologia progressiva foi explicitamente utilizada, houve uma verificação do traço de progressividade na projeção AspProgressiveP. Este atributo se opõe ao da genericidade, que descreve situações tidas como *“características inerentes”*. Sob essa perspectiva, o uso da morfologia progressiva, especialmente com o advérbio *“still”*, poderia ser justificado pela necessidade de verificar o atributo progressivo em AspProgressiveP, e não por uma suposta compatibilidade de traços. Argumentou-se que, na análise, o próprio item verbal seria previamente especificado para o traço progressivo, já com a morfologia progressiva adjungida ao radical verbal.

## **Building the way**

Esse item posteriormente verificaria o atributo progressivo em AspProgressiveP, levando à convergência da derivação. Poderia ser considerado como uma evidência para essa segunda interpretação o fato de que na maioria dos dados analisados dos advérbios "*almost*", "*still*" e "*usually*" houve emprego de morfologia não progressiva.

## **Análise**

Se observarmos as propostas apresentadas por Alves (2022) e Alves e Martins (2022), em um primeiro momento, pode parecer opaca a contribuição que tais resultados podem fornecer para o debate acerca da natureza linguística da progressividade. Em um primeiro, parece não poder ser descartada a hipótese nula de que talvez esse estudo mostre apenas que a morfologia progressiva não seja usada de forma comum apenas em contexto de emprego dos advérbios "*usually*", "*still*" e "*almost*".

Frente a tal questão, são apresentados alguns argumentos que apontam para o contrário: 1) o papel dos advérbios na proposta de Cinque (1999) na identificação de categorias primitivas da FL e 2) a natureza da relação especificador-núcleo. Em relação ao primeiro argumento, Cinque (1999) propõe um conjunto invariável de projeções funcionais, que ocupam o espaço do *Middlefield*, e que seriam um primitivo da FL. Tais projeções, invariavelmente, alocam advérbios em sua posição de especificador, de forma que tais advérbios correspondem a diferentes categorias. Assumir, por exemplo, que o uso do "*usually*" não refletiria o acesso ao traço de habitualidade seria um erro analítico no âmbito desta proposta, visto que as projeções não são parametrizáveis e não é o caso de haver subespecificação de tal advérbio para mais de um traço criterial no inglês. Em relação ao segundo argumento, a própria natureza da relação especificador-núcleo, no caso AdvP e traço, pressupõe uma compatibilidade de traços pré-especificados no AdvP, no léxico, e sua inserção em uma projeção que seja nucleada pelo mesmo traço. Caso isso não ocorra, a derivação da sentença não poderia convergir, consequentemente seria agramatical uma sentença, por exemplo, com "*usually*" em que a leitura desencadeada fosse unicamente habitual. Descarta-se, portanto, a hipótese de uma combinação ou não combinação *ad hoc*.

Como argumentado nesses trabalhos, parece haver argumentos fortes para apontar que, ao menos em inglês americano, a combinação do progressivo com o habitual não seja de fato tão frequente. Os autores interpretam esses dados assumindo uma espécie de relação de compatibilidade de traços, argumentando que o traço de repetição não ordenada não seria compatível com o traço de progressividade, pelo fato daquele não ser de natureza estendida. De fato, há argumentos para assumir isso, inclusive a partir de outros estudos de diferentes línguas (Jesus, 2022). Acrescem-se a esses argumentos, o fato de que, em inglês: 1)

## Building the way

certos verbos aspectuais, como “to begin” (“começar”) e “to finish” (“terminar”) não podem desencadear leituras habituais quando coocorrem com a morfologia progressiva e 2) sentenças como “*Peter is being used to study*” (“O Peter está a ser usado para estudar”) não podem ser gramaticais em inglês desencadeando leitura habitual. Há, contudo, dois grandes problemas nessa proposta dos autores: 1) a possibilidade de sentenças como “*Noah is usually playing dodgeball on weekends*” (“Noah está geralmente jogando queimado nos finais de semana”) serem gramaticais em inglês e 2) o fato de essa proposta não parecer descrever bem os dados encontrados na pesquisa.

Em relação ao primeiro problema, uma das soluções possíveis seria assumir, como apontado em Alves e Martins (2022, p. 290) que, neste caso, haveria um terceiro aspecto em questão, o aspecto continuativo sem a realização do “*still*”. Em “*Noah is usually playing dodgeball on weekends*” (“Noah está geralmente jogando queimado nos finais de semana”), não se veicula que Noah está jogando queimado no exato momento da fala. Em vez disso, parece que existe um intervalo I, durante o qual Noah continua jogando queimado de forma irregular. Assim, é a especificação do aspecto continuativo, de natureza estendida, que torna essa frase gramaticalmente correta. Nesse caso, o aspecto progressivo e a morfologia progressiva agem primeiro sobre o aspecto continuativo. Somente após essa modificação direta do aspecto progressivo sobre o aspecto continuativo é que o aspecto habitual poderia ser acessado por meio de mecanismos derivacionais. Dessa forma, o aspecto habitual só poderia ser associado ao aspecto progressivo se, antes desse momento derivacional, o aspecto progressivo já estiver associado ao aspecto continuativo, que é um traço de natureza estendida. Outro argumento para essa interpretação é a possibilidade de inserção do advérbio “*still*” na referida sentença sem a modificar. Se é verdade que “*Noah is usually playing dodgeball on weekends*” (“Noah está geralmente jogando queimado nos finais de semana”) parece ser também verdade que “*Noah is usually still playing dodgeball on weekends*” (“Noah está geralmente ainda jogando queimado nos finais de semana”).

A grande limitação da inter-relação entre a hipótese da compatibilidade de traços e o progressivo é o próprio resultado dos trabalhos de Alves (2022) e Alves; Martins (2022). Seria plenamente esperado que mais ocorrências fossem constatadas dos advérbios extensionais “*still*” e “*almost*” em contexto de morfologia progressiva, mas esse não foi o caso atestado.

Argumenta-se, neste trabalho, que Alves (2022) e Alves e Martins (2022) tratam como diferentes o que poderiam ser propostas complementares. Nesse caso, a progressividade seria um traço aspectual primitivo da Faculdade da Linguagem, o qual nuclearia a projeção de AspProgressiveP, presente em todas as línguas naturais. A natureza categorial de tal traço seria, na verdade, a especificação negativa do traço



### **Building the way**

de genericidade, como se considera em Cinque (1999). Tal traço poderia ser gramaticalizado nas línguas naturais de diferentes formas. No caso do inglês americano, parece ser o caso que este traço pode ser veiculado tanto pela morfologia progressiva quanto pela morfologia não progressiva. Em outras línguas, por exemplo, como o alemão e o francês<sup>3</sup>, haveria veiculação preferencial de tal traço pela morfologia não progressiva. No caso do português europeu, haveria a veiculação de tal traço tanto pela morfologia não progressiva quanto pela construção “preposição + infinitivo”.

Para explicar os resultados de Alves (2022) e Alves e Martins (2022), seria possível assumir que, no inglês, a morfologia progressiva, uma das formas possíveis de veicular o traço de progressividade, cumule-se morfologicamente com traços de natureza estendida, não admitindo, assim, a combinação pura com a noção de habitualidade. Isso não significa dizer que essa morfologia não possa ser acessada ou até mesmo cumular com outros traços relacionados à imperfectividade e à extensão. Então, é possível que os resultados sistematizados no quadro 1 revelem na verdade a possibilidade de combinação do progressivo com outros traços no inglês e, conseqüentemente, os contextos de realização morfológica aberta do traço de progressividade. Sendo assim, também seria igualmente verdadeiro que os contextos em que a morfologia progressiva é utilizada refletem a checagem do traço de progressividade. Haveria, dessa forma, no inglês, apenas uma restrição de cumulação ou até mesmo coocorrência entre a morfologia progressiva e traços de natureza não estendida. Tal hipótese parece ser capaz de explicar os dados empíricos de Alves (2022) e Alves e Martins (2022) e as restrições de coexistência entre habitual e progressivo apresentadas em argumentos anteriores.

No âmbito dessa proposta, haveria no léxico funcional do inglês, a possibilidade de veiculação do traço de progressividade, ou de -genericidade, por meio de, ao menos duas morfologias: progressiva e não progressiva. Na entrada da morfologia progressiva, haveria uma informação de que tal morfologia seria combinada com traços de natureza estendida. Para haver “combinação” com habitual ou outro traço de natureza distinta, é necessário, então, haver, inicialmente, uma combinação de tal morfologia com algum traço de natureza estendida, como o continuativo. Se não haver tal combinação prévia, a derivação não poderia convergir em contexto de veiculação de uma leitura habitual. Se esta é uma propriedade idiossincrática do inglês ou mais geral das línguas naturais, ainda há discussão, haja vista que em línguas românicas como o português do Brasil este não parece ser o caso.

### **Considerações finais**

---

<sup>3</sup> Excluindo os contextos livrescos de emprego da expressão “*en train de*”.

## **Building the way**

Neste artigo, objetivou-se investigar se a progressividade, enquanto categoria linguística, é uma morfologia (Comrie, 1976) ou realmente uma categoria aspectual (Cinque, 1999), a partir de dados de produção espontânea de sentenças do inglês americano com predicadores verbais temáticos finitos no presente simples. A hipótese adotada foi a de que o progressivo é apenas uma realização morfológica da imperfectividade. Tal hipótese foi refutada. Argumenta-se que o progressivo é um traço de natureza [-genérica], que pode, em inglês, ser gramaticalizado por meio de morfologia progressiva ou não progressiva. Entende-se que, no léxico funcional da língua inglesa, haveria uma informação acerca de qual traço poderia haver cumulação com combinação de tal morfologia. Neste caso, assume-se que haveria a informação de que apenas traços de natureza extensional poderiam ser combinados com tal morfologia. Logo, o progressivo é um aspecto e a morfologia progressiva é apenas uma das maneiras possíveis de o veicular.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Matheus Gomes. **The mental representation of imperfectivity in English: a cartographic analysis**. Rio de Janeiro, 2022. 134f. Master Thesis (Master in Linguistics) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ALVES, Matheus Gomes; MARTINS, Adriana Leitão. Remarks on Progressivity and Imperfectivity. **Cadernos do IL**, n. 65, p. 273-295, 2022.

BENNETT, Michael.; PARTEE, Barbara Hall. **Toward the logic of tense and aspect in English**. Santa Monica. CA: System Development Corporation, 1972.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective**. 1. ed. New York: Oxford University Press. 288 p., 1999.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.

DOWTY, David. Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective' progressive. **Linguistics and philosophy**, p. 45-77, 1977.

DOWTY, David. **Word Meaning and Montague Grammar**. Reidel. Dordrecht, 1979.

**Building the way**

DU BOIS, John., CHAFE, Wallace., CHARLES MEYER, THOMPSON, Sandra A., ENGLEBRETSON, R., and MARTEY N. 2000-2005. **Santa Barbara corpus of spoken American English**, Parts 1-4. Philadelphia: Linguistic Data Consortium.

GUIMARÃES, Márcio Renato. Alguns problemas na interpretação da progressividade no português do Brasil. **Revista Letras**, v. 58, 2002.

JESUS, Claudio Jorge. **O aspecto habitual no presente e no passado e suas realizações morfológicas no português do Brasil**. 28f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

MARTINS, Adriana Leitaó; Alves, Matheus Gomes. Traço de pontualidade em verbos com morfologia progressiva no Inglês: (in)compatibilidades. **Fórum Linguístico**, 18(3), 6622- 6644, 2021.

MONTAGUE, Richard. The proper treatment of quantification in ordinary English. In: J. Hintikka, J. M. Moravcsik & P. Suppes (eds.). **Approaches to Natural Language**. Dordrecht: Reidel, 221- 242, 1973.